



Os mercados

Debate Crise e endividamento José Miguel Pinto dos Santos

Quando as despesas são superiores às receitas, a diferença pode ser coberta de dois modos: ou se usam reservas que se tenham acumulado ou se pede emprestado. Embora o Estado português seja muito rico e seja detentor de um património imenso, há muito que não tem liquidez, isto é, dinheiro. É como um daqueles fidalgos do século XIX que, proprietários de terras e palácios, não tinham dinheiro para pagar a empregados e fornecedores. Não tendo reservas, o Estado não teve alternativa senão recorrer aos “mercados” para financiar as suas extravagâncias e fidalguias.

A grande vantagem de pedir dinheiro emprestado aos “mercados” é que eles não são pessoas e não têm cara, mas são ricos e têm liquidez. Já que não

são pessoas, se houver algum problema, ninguém se magoa. Se o Estado repudiar a sua dívida, pessoa alguma fica sem poder comer ou sem poder pagar a renda. Pode ser que algum especulador ganancioso sofra umas perdas, mas elas serão certamente mais que compensadas pelos lucros chorudos de outras transacções.

A verdade, no entanto, é mais dura. Os “mercados” são gente. Ou, para ser mais preciso, os “mercados” são a gente, somos nós. São os aforradores, nacionais e estrangeiros, a quem, tendo sobrado algo do seu rendimento depois de pagas as contas e os impostos, o deposita nos bancos. Ou compra títulos emitidos pelos bancos, obrigações e acções. Os bancos, portugueses e alemães, por sua vez, compravam nos mercados financeiros, com o nosso dinheiro e com o dinheiro do povo alemão, os títulos da dívida do Estado português, que, deste modo, pôde ter despesas superiores às receitas.

Os “mercados” eram a cortina de fumo que permitia que o fidalgo, rico mas sem liquidez, se financiasse com o dinheiro dos plebeus, pobres mas com poupanças, sem que ninguém percebesse, se queixasse ou protestasse. Se porventura o Estado repudiar a dívida, quem fica a perder? Primeiro são os bancos. Mas depois é gente, é a gente, somos nós, porque o dinheiro dos bancos é o nosso dinheiro. Mas não estão os nossos depósitos seguros pelo Fundo de Garantia de Depósitos? Estão, enquanto houver dinheiro. Quando acabar, deixam de estar.



Professor de Finanças, [AESE](#)

Se porventura o Estado repudiar a dívida, quem fica a perder? Primeiro são os bancos. Mas depois é gente, é a gente, somos nós, porque o dinheiro dos bancos é o nosso dinheiro